

OIBI

ORGANIZAÇÃO INDÍGENA DA BACIA DO IÇANA

Relatório

Assembléia Comemorativa: 10 anos da OIBI

*“Dzameemadzo pakaapi hamoli
Ideenhikhetti nheette itanwiñaketti
Baniwanai idzaada”.*



“Dez anos de luta e de crescimento”

Período: 10 a 12 de Julho de 2002
TUCUMÃ RUPITÁ – RIO IÇANA

André Fernando
Relator Presidente da OIBI

Apoio: Pólo Base de Tucumã/DISEI/RN
ISA – Instituto Sociambiental
UFAM – NESP/RASI
Banco Mundial



Diretoria Executiva

- ⊕ André Fernando – Presidente
- ⊕ Irineu Laureano – Vice
- ⊕ Mário Farias – Secretário
- ⊕ Armindo Brazão – Tesoureiro

Conselho Fiscal

- ⊕ Arlindo Farias Brazão
- ⊕ Xavier Augusto Rodrigues

Parcerias

- ⊕ FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro;
- ⊕ ISA – Instituto Socioambiental;
- ⊕ UA – Universidade Federal do Amazonas/NESP/Projeto Rasi;
- ⊕ INPA – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia;
- ⊕ SEMEC – Secretaria Municipal de Educação/PMSGC;
- ⊕ FUNAI – Fundação Nacional do Índio/Regional de São Gabriel da Cachoeira;
- ⊕ TOK & STOK - comprador de cestaria de arumã – parceiro comercial.

PROGRAMAÇÃO

Local: Comunidade Tucumã Rupitá/centro
Comunitário

10/07/2002

- ❖ Oficina de Pesca na bacia do Içana;

11/07/2002

- ❖ Relatório anual de atividades para as comunidades;

12/07/2002

- ❖ Atividades comemorativas 10 anos da OIBI;

Atividades complementares

- ❖ Exposições;
- ❖ Vídeos;
- ❖ Homenagens;
- ❖ Jogos;
- ❖ Pagamento de artesãos
- ❖ Encomenda de artesanatos com artesãos para Tok & Stok e Holanda;
- ❖ Levantamento de documentação dos artesãos.

CONTEÚDO DESTE TRABALHO

1. ARTIGOS

- ⊕ Um aniversário de contar história;
- ⊕ Como foi aniversário dez anos da OIBI;
- ⊕ Semidilúvio: Qual é a explicação para isso?

2. RELATÓRIOS

- ⊕ Oficina de pesca na Bacia do Içana;
- ⊕ Resumo de atividades anuais da associação;
- ⊕ Comemoração e avaliação dez anos da OIBI;
- ⊕ Resumo de atividades da assembléia comemorativa;
- ⊕ **Anexo:** reprodução de carta de agradecimento.

Apresentação

Dirigimos-nos a todos os parceiros e financiadores para apresentar o nosso relatório da primeira assembléia comemorativa da nossa associação onde estiveram presentes mais de 300 pessoas na comunidade sede Tucumã Ruritá. A participação das comunidades que constituem a OIBI esteve presente em 100%. Isto para nós significa que estas comunidades estão mais conscientes a partir dos fatos que marcam o trabalho através de projetos iniciados, implantados, desenvolvidos e em desenvolvimento.

Expressamo-nos como legítimos representantes de nossas comunidades para dizer que este trabalho foi fundamental. Foi um evento que resume, marca e abre nova perspectiva de continuidade dos trabalhos realizados com apoio destas entidades que compreenda nossas dificuldades, problemas e acreditam na superação e construção de melhoria de condição e a qualidade de vida das comunidades.

Por ser assim, agradecemos a estes nossos parceiros e financiadores que nos apoiaram durante anos desta década direta e indiretamente nas nossas atividades e projetos.

Este evento foi realizado com apoio do ISA (Instituto Socioambiental), Universidade Federal do Amazonas/Núcleo de Estudo em Saúde Pública/Rede autônoma de Saúde Indígena, Banco Mundial e Pólo base de Tucumã. A todos, muito obrigado e que continuemos trabalhando firme para o bem-estar das comunidades.

Agradecemos também todas as comunidades que constituem a OIBI porque acreditam e conseguem entender os trabalhos, transmitido através de esforços e acompanhamento de perto. Pois sem essa integração da comunidade-associação ou associação-comunidades, nunca seria possível a realização dos projetos/atividades.

Esperamos com este relatório manter informados os nossos parceiros sobre andamento dos nossos trabalhos e amadurecimento.

Convidamos a todos para mais uma década de luta e trabalho para construir a justiça através ações concretas e fazer valer nossos direitos pensado por nós indígenas que está na situação com apoio de entidades governamental e não governamental.

Direção da OIBI

 OIBI

OIBI 10 ANOS DE



MARCAR A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA

Um Aniversário de contar história

Mas quem está aniversariando? A OIBI. OIBI é uma associação, pessoa jurídica que completou 10 anos de existência no dia 12 de Julho de 2002. OIBI significa Organização Indígena da Bacia do Içana. E ainda mais: ferramenta dos brancos, pois com isso as comunidades vêm se fortalecendo e assim também com autoridades no município, estado e nível nacional. Talvez é esse o maior motivo de comemorar 10 anos desta associação que com esse tempo todo adquiriu uma experiência inovadora com projetos na área de educação, saúde e alternativas econômicas.

A OIBI foi criada em 1992 depois de várias tentativas das comunidades Baniwa se organizar para defender sua terra contra invasão de garimpeiros na década de 80. Para a OIBI surgir, contou com apoio da FOIRN – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e da COIAB – Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira.

A primeira diretoria eleita para quatro anos (1992 – 1996) enfrentou grandes dificuldades de transporte. Pois este local está distante da sede do município e 19 cachoeiras. São mais de 600 quilômetros de São Gabriel da Cachoeira. São Gabriel está mais de 900 quilometro distante de Manaus capital do estado do Amazonas. Da comunidade sede da OIBI, Tucumã Rupitá, do rio Içana para cidade algumas lideranças a enfrentava a remo. São sete dias baixando e 15 dias subindo de volta para comunidade. Na época da água enchente visitava as comunidades remando contra correnteza para levar mensagem, proposta e discutir o futuro junto com as comunidades. Os dirigentes remavam até São Joaquim no alto Içana e atravessar pelo varadouro na mata um dia para descer na cabeceira do rio Ayari/rio Waraná para baixar visitando outras comunidades deste rio e baixar até a cidade relatando as situações a FOIRN e autoridades municipais. Esta é a situação que começou e está sendo modificado ao longo do tempo de 10 anos da história da associação. Não se acreditava que um dia pudesse apresentar trabalho do nível de amadurecimento que está atualmente.

A OIBI começou trabalhando apoiando trabalhos da FOIRN (censo autônomo). Depois conseguiu trazer curso dos agentes indígenas de saúde com apoio da COIAB/CIMI e FOIRN. Em seguida participou da abertura internacional dos Povos Indígenas em Manaus com apoio da COIAB e governo federal. Trabalhou também com produção de artesanato junto com AVEDA e junto com a FUNAI local buscando alternativas econômicas para as comunidades produzindo farinha e artesanato. Participou de feiras de artesanato em Belo Horizonte. Tudo isto foi aprendido: emprestando motores e canoas, viajando de passageiro para São Gabriel. E depois passou contar com apoio da FOIRN em aquisição de um barco-motor de capacidade de oito toneladas de cargas. Com o barco melhorou muito o trabalho da associação. Mas devida cachoeira nas secas sofreu vários acidentes. A OIBI também em parceria com a FOIRN e ISA começou uma pesquisa de potencial mineral de tantalita nas comunidades

pertencentes a OIBI como forma e busca de alternativas econômicas constatando duas empresas e com assessoria na área de geologia de São Paulo. Com esse projeto adquiriu mais motores de popa e voadeira. O trabalho foi suspenso até agora por falta de legislação mineral adequada as terras indígenas. Para OIBI estava claro que um dia a demarcação ia chegar e que logo após o desafio seria trabalhar para que as comunidades possam ter qualidade de vida nas suas comunidades dentro da realidade atual, mas com autonomia de gestão e em parceria com instituições não governamentais e governamentais direta e indiretamente. A outra coisa importante também foi em se preocupar com a comunicação para as comunidades. Dentro do programa da FOIRN conseguiu dois rádios e depois instalou mais seis rádios com apoio de Amigos da Terra, mais recentemente com projeto Arte Baniwa mais 10 radiofonias nas comunidades.

A OIBI também começou participar e discutir políticas de saúde para as comunidades indígenas nas conferências regionais, na II e III Conferência Nacional de Saúde Indígena que aprovou um novo modelo de atendimento a saúde indígena: o Distrito sanitário Especial Indígena. A partir de 1996 a OIBI começou a trabalhar em parceria com a Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Amazonas/NESP/RASI o projeto Medicina Tradicional com objetivo de valorizar, organizar e preservar o conhecimento junto com as comunidades e agentes indígenas de saúde promovendo treinamentos. Em 1998 este projeto foi premiado na Gestão Pública e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas, Fundação Ford e BNDES em São Paulo. Em 1997 a OIBI foi indicado para representar o rio Içana e Ayari no Conselho Municipal de Saúde através de seu presidente André Fernando. Depois de dois anos foi eleito como Presidente do Conselho Municipal de Saúde. Ajudou na discussão e implantação do Distrito Sanitário Especial Indígena do Rio Negro.

Um outro trabalho importante da associação é na área de educação. Em várias assembléias tem sido feito reivindicações para melhoramento da educação nas comunidades sem resposta pelas autoridades responsáveis. Em 96 deu continuidade a Encontro de Educação Baniwa iniciado pela FOIRN. Este resultou em parceria com Faculdade de Educação com a Universidade Federal do Amazonas promovendo mais dois encontros. Como resultado Curso de magistério indígena específico no Rio Içana. Hoje tem mais 40 professores Baniwa atuando nas comunidades. Promoveu duas oficinas lingüísticas para discussão e unificação da grafia Baniwa e dicionário Baniwa para professores e alunos nas escolas e comunidades. Discutiu projeto de escola própria das comunidades e com a poio da FOIRN e ISA implantou a Escola Baniwa e Coripaco Pamáali atualmente com 49 alunos. Hoje mantém parceria com Prefeitura Municipal através Secretaria Municipal de Educação e Funai Regional. A escola coordenada pelos próprios professores indígenas, com uma associação do Conselho da Escola Pamáali – ACEP onde participa os pais, capitães, alunos, professores e lideranças de associações. Tudo ano tem uma assembléia Geral da escola.

Na área de geração de renda para as comunidades é um trabalho muito importante desenvolvido também através de alternativas econômicas a partir

do próprio conhecimento tradicional: *Arte Baniwa*. *Arte Baniwa* é um projeto de produção sustentável e comercialização por encomenda de forma autogerida, da tradicional cestaria Baniwa de arumã em nichos de mercado que remunerem seu valor cultural e ambiental agregado, como parte de um programa mais amplo de consolidação de direitos indígenas coletivos. A parceria comercial é a TOK & STOK sediada em São Paulo. A cestaria sai direto das comunidades para centro comercial através desta loja em principais cidades do Brasil. O projeto já ganhou três prêmios que reconhece a iniciativa, importância deste trabalho: Gestão Pública e Cidadania da Fundação Getúlio Vargas, Fundação Ford e BNDES (2001) Ashoka/Mckinsy através do Isa (2001) e Banco Mundial da Cidadania (2002). OIBI vende a cada três meses 100 dúzias. Produtores artesãos discutem e definem o preço do seu trabalho. Hoje são mais de 150 artesãos trabalhando diretamente beneficiando mais 800 pessoas. Junto a este projeto foram beneficiadas 10 comunidades com a implantação de radiofonias que possibilita na agilidade da encomenda. Os problemas, treinamentos e a política do trabalho são discutidas em oficinas de artesãos. Para sustentabilidade da espécie vegetal, o Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia está fazendo pesquisa científica de arumã. Para melhorar a divulgação do trabalho, estoque de produção das comunidades a OIBI está construindo entreposto comercial em São Gabriel da Cachoeira.

Tudo isto como inicialmente falamos levou 10 anos para construir. O processo continua, as comunidades continuam precisando mais outra alternativa. Pois só com este trabalho ainda não dá para resolver o problema. Por isso a OIBI estão pesquisando de uma forma autônoma plantas cosméticas também com a idéia para comercialização com a orientação do INPA e ISA. Apoio do NESP/RASI.

Com tudo este trabalho se aprende uma lição: apesar de tudo obstáculos, não se pode esperar nada dos governantes. Se assim for nunca conseguiremos crescimento e melhoria de condição e qualidade de vida das comunidades. Os governantes políticos fazem do povo ficar dependente. Eles muito pouco se preocupam em ensinar como fazer para adquirir comprando as coisas que precisam porque precisam do voto na próxima eleição quando prometerão mais coisas porque sabem que as coisas que entregaram certamente já estão estragados e assim sucessivamente. Precisamos amadurecer e trabalhar para enfrentar esse desafio. Pois esperar, é ser escravo de si mesmo e de outros que só prometem.

André Fernando
Fellow da Ashoka/2001
Presidente da OIBI (2000 – 2004)
Coordenador Geral das Associações do Rio Içana e Xié (2002 – 2005)

Como foi aniversários 10 anos da OIBI?

O título da assembléia é *Assembléia comemorativa: 10 anos da OIBI*. A assembléia comemorativa foi realizada nos dias 10, 11 e 12 de Julho de 2002, na comunidade sede Tucumã Rupitá. Primeiro dia foi tratado a questão da situação da pesca na bacia do Içana através de uma oficina para pensar nova estratégia de manejo de lagos. Segundo dia foi prestado relatório de atividade da associação às comunidades de executado durante um ano: junho/01 a junho/02. Entre intervalos maiores foi programados jogos e brincadeiras. A noite também teve programação vídeo: Arte Baniwa, Povos indígenas no Brasil, teatro/peças apresentados pelos alunos da Escola Pamáali (reunião dos animais e sobre agricultura/roça como primordial na vida das comunidades) e exposição do trabalho da escola em uma barraca. No terceiro dia foram feitas homenagens a OIBI e principais lideranças que passaram (Mário Farias, Isaías, Francisco Apolinário, Albino Fontes, Bonifácio José e a diretoria atual, Valentim Paiva e Augusto Rodriguês), que apoiaram sua criação como a FOIRN (Braz França) e COIAB (Amarildo Machado), contando história 10anos da OIBI desde a comissão provisória até agora pelos alunos da escola. Até ao meio dia foi feito um painel de avaliação dez anos da OIBI pelos capitães das comunidades, conselheiros, coordenador da escola, representante da FOIRN, ISA, NESP/RASI, INPA, OIBI, OICAI e Pólo Base. A noite foi homenageado o presidente da OIBI com presentes de artesanatos, cangatara, danças tradicionais e aniversário propriamente dito.

Pode se dizer que o aniversário 10 anos da OIBI foi comemorado de uma forma consciente e cada vez mais maduro de que está apenas começando e que terá que trabalhar muito para consolidar seus trabalhos e usufruir fruto do seu trabalho. O importante é o significado que pode ter com esse trabalho de assembléia: consolidar confiança das comunidades em si mesma de que pode construir e recuperar a sua história que por tantos anos foi visto com imagem negativa dentro da sociedade envolvente.



André Fernando
Fellow da Ashoka/2001
Presidente da OIBI (2000 – 2004)
Coordenador Geral das Associações do Rio Içana e Xié (2002 – 2005)



Semidilúvio: qual é a explicação disso?

Calculadamente segundo as comunidades a enchente desse jeito acontece aproximadamente de 40 em 40 anos. O rio Negro e seus afluentes, e especificamente no rio Içanas, esse ano muitas partes das comunidades e casa foram cobertas de águas e assim também as roças. A consequência da enchente certamente dará se em fome em certas famílias das comunidades, pois as roças estragaram por causa da enchente.



Se essa situação acontece de muito em muito tempo Deve ter alguma explicação para isso tradicionalmente. Pois cientificamente através de meteorologia isso é Explicável. Só que diferente. A nossa Pode ser como sempre: histórica e originária.

Tanto os Baniwa, Dessana e Baré afirmam que tem tudo haver com a cobra grande com algumas diferenças. Aqui procuramos aprofundar a nossa história da qual os mais idosos se orientam: *antigamente havia um ser chamado Ñapirikoli casado com uma mulher, a sua esposa. Mas a mulher a traiu sempre transando com a cobra grande. Um dia o Ñapirikoli descobriu e se vingou matando-a com a flecha de zarabatana com veneno. Para se vingar da mulher foi pescar peixes que era esperma da cobra, voltou, assou os peixinhos enquanto a mulher fazia beiju e deu a mulher comer. A mulher sem saber e com fome a comeu e Ñapirikoli fez saber que estava comendo a esperma da cobra grande dizendo: - como é grande o amor até que se come esperma. Na mesma hora a mulher procurou se limpar com remédios, mas não conseguiu e se engravidou até que nasceu à cobra no lugar do ser humano. Desde lá a cobra nunca deixou a mãe sossegada e comia bastante. Os parentes da mulher não gostaram, por isso um dia levaram a mãe para coletar fruta de solva na mata que a cobra gostava de comer. Só que desta vez é ele que tem subir. Assim conseguiram livrar a mãe escondendo-a muito bem da cobra. Para achar a sua mãe, a cobra fez a água crescer bastante até que os humanos não tinham mais onde se esconder e entregaram de volta a cobra que a levou para baixo do rio negro e para lá ficou.*

Este fato aconteceu na cabeceira do rio Içana. Ao longo de sua baixada vem fazendo casas. Com isso os mais idosos explicam com a lógica de que a enchente desse tipo é a volta da cobra grande para visitar o lugar onde nasceu.



Oficina de Pesca

Histórico

Desde o ano de 1996 que o manejo de lago é preocupação da liderança da OIBI. Algumas comunidades também vêm manifestando seu ponto de vista em relação a isso, chamando atenção a respeito de diminuição dos peixes na região. Na VII assembléia geral da OIBI ano passado, finalmente foi colocado em pauta para ser discutida. Junto com professores da Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali a OIBI levou primeira oficina de pesca na escola para alunos ministrados pelo engenheiro de pesca do Instituto Socioambiental. Ano passado foi treinadas e formadas uma equipe (professor e alunos/EIBC) com orientação do engenheiro de pesca e do agrônomo para levantamento da situação dos terrenos nas comunidades onde foram visitadas mais de 50 localidades. Este ano a oficina de pesca fez parte da comemoração 10 anos da OIBI para aprofundar o assunto e exercitar o pensamento para que quando venha implantar o trabalho seja feita conscientemente. Nesta oficina estiveram mais 300 pessoas de 17 comunidades que constituem a OIBI. Portanto este trabalho é resultado de trabalho em grupo dos mais idosos, professores, capitães, agentes de saúde, alunos de escola Baniwa e Coripaco, jovens, etc. Este trabalho foi feito em dia somente. Veja resultado a seguir.

Capítulo I – Palestra

- ▶ Introdução – o que é oficina de pesca;
- ▶ Necessidade de pensar em recuperação de peixes nos lagos;
- ▶ Reflexão sobre atual modo de pesca, uso de recursos da floresta e dos antepassados;
- ▶ Motivos e exemplos de outros lugares no Brasil e no mundo;
- ▶ Reflexão sobre terras tradicionais como sistema de controle;
- ▶ Apoio e exemplo para reflexão sobre uso de timbó;

Palestra 1: André Fernando – Presidente da OIBI

O que é a oficina de pesca? A oficina de pesca é um autotreinamento. Pois não se tem professor. Mas utiliza-se método que faz juntar informações técnicas, histórias de origem e formulação de estratégia e planejamento de acordo com o objetivo estabelecido em grupos e que beneficie de verdade as comunidades. Pois a situação que estamos passando hoje é uma consequência do contato com a sociedade envolvente desde colonização ao atual. Se nós não renovarmos o nosso pensamento, no caso, a respeito de pesca, do jeito que estamos dizendo, que o peixe está ficando cada vez mais escasso, a tendência é ficar cada vez pior.

Antigamente nossos antepassados até mais recentemente, nossos avós e pais saiam para pescar e pegavam bastantes peixes. Assim autodenominasse-se de *maropiara*. Ou seja, aqueles que conhecem técnicas apropriadas de pegar

peixes. Na verdade os peixes estavam em abundância. Hoje somos todos **panemas**. Ou seja, aquelas pessoas que desconhecem técnicas apropriadas de pesca. Mas porque? Hoje não tem mais peixes em abundância como antigamente. Eis a importância desta oficina de pesca: pensar como fazer para que os peixes voltem a ser abundantes, pois estamos sentindo necessidade. Ou será que vamos continuar tinguindo os peixes e mantendo-as até que acabem totalmente? Qual é o nosso pensamento agora? Esta é a linha de pensamento desta oficina. Pois em várias reuniões já conversamos sobre isso. Todos nós sabemos e conhecemos onde estão os lagos e onde moramos. Uma parte da nossa região é muito escassa de peixes. O que vamos fazer neste lugar? Nos lagos estão diminuindo os peixes. E agora o que faremos? Qual é a nossa política de hoje em diante, pensar uma forma racional de exploração de peixes? Como vamos nos educar para isso?

Assim também outros recursos naturais: plantas frutíferas da mata/floresta. Mas por que nós temos que pensar assim? Hoje nós que já existimos crescemos e que estamos desfrutando que a natureza nos oferece, podemos derruba-los assim segundo pensamento de cada um. E esse que ainda está criança ou que vai nascer ainda. Quando ficar grande vai sair para pescar e não vai ter mais peixe. Vai para o mato a procura de frutas e só vai achar tronco derrubado. Como vocês acham que vai se sentir? Como pobre coitado! Por isso vamos nos esforçar para pensar. Hoje alguém pode dizer: é atoa. Mas estamos falando da nossa futura geração.

Ainda temos estes recursos como: peixe e fruteiras da mata que colhemos. Mas estão diminuindo devido a nossa prática errada de uso. Em quanto tivermos ainda esse pouco que estamos falando, vamos pensar a sua recuperação, sua ampliação e preservação. Pois se formos começar pensar como fazer depois que tudo acabar, certamente será domínio da fome em nosso meio e grande sofrimento.

O Brasil no Sul, Sudeste, centro-oeste, etc: Porque vocês acham que hoje comem o que plantam? Matam e comem o que criam? Será que quando invadiram estes lugares já não tinham mais todos esse recurso que nós temos? Claro que tinha. Mas eles próprios a destruíram. Lá não existe mais floresta acabaram com os animais silvestres, rios e igarapés todos sujados. E os peixes onde estão? Água, rio e igarapé não são onde moravam/casas?

A outra causa é aumento demasiado de população. Se alguém chegar em grande cidade, vai ver que as ruas não passam de grande ataque de saúva na roça (vai-vem, e vai-vem de carros). Por causa disso muitas vezes pensam em vir para cá. Devida essa falta das coisas que falamos hoje estão plantando, criando animais e peixes em grande quantidade para vender: frangos, bois, porcos e etc... Todos eles criados pelo homem. Tudo isto desconhecemos, mas compramos muitas vezes quando chegamos em São Gabriel. Os peixes também como tambaqui, matrinhã e outros são criados. É assim! Agora pensem se tudo esta história é verdadeira ou não. Mas temos outras pessoas que podem confirmar isso com os senhores. Os alunos da escola Pamáli estão começando estudar isso.

Agora voltamos falar da situação local nossa: existem lugares onde o peixe é absolutamente escasso no caso de comunidade Aracu e Siusí Cachoeira. Assim também no médio Içana começando de Nazaré. O que vamos fazer nestes lugares difícil de peixe e caça? A outra questão são os lagos. Como será que os nossos antepassados as usavam? Nossos antepassados não eram qualquer pessoa. Mas também sábios; sabiam como usar todos os recursos naturais existentes. Por o caso dos mais jovens ainda sabem da história? Os velhos ainda sabem desta história. Em comparação de hoje com a maneira antiga de pesca, será que tem diferença? Muitas maneiras de pesca atual podem espantar peixes. E por causa de diminuição de peixes as comunidades também começam introduzir prática de pegar bastantes peixes que ajuda ainda mais aceleração de diminuição de peixes. Assim também começam aparecer comportamentos, no verão, de tirar, acabar com as casas de peixes que são samambaias com pensamento de pegar mais peixe como, por exemplo, a trairá: na época de piracema dos peixes, chegam lá tirando toda a casa que é samambaia. Samambaias são casa dos peixes. Isto é errado. Nossos antepassados não faziam isso. Tudo isto ajuda nos refletir sobre a nossa situação de pesca e futuro de nossa geração. Para que tenha, as histórias registradas trabalharão através de grupos. Com resultado do trabalho de grupo vamos descobrir onde estamos errados ou verificar se é o tempo que é assim. Mas senhores, a questão que é do tempo, não é o tempo, tempo somos nós. Nós é que perdemos controle. Nós é que deixamos de analisar, discutir para resolver nossos problemas. Muitos dos recursos que acabam, porque ninguém se preocupa com o futuro. Neste momento não pudemos nos deixar que a situação nos consume. Na historia antiga da humanidade e ainda em muitos lugares do mundo passam fome: porque? Muitas vezes porque esqueceram de fazer exatamente o que estamos tentando fazer. Porque digo isso. Porque nestes mesmos lugares existiam algumas partes que se planejaram e conseguiram enfrentar e recuperar se dá situação, não passando fome.

Palestra 2: Valentim Paiva – capitão da comunidade Juivitera.

Agora estamos desse jeito como falamos ontem na abertura, que queremos ouvir do nosso representante para aprender, entender para pensarmos. E agora está falando para nós mesmo sobre o nosso futuro aqui na região. Hoje em dia vejo muita gente homens e mulheres. Estou feliz por isso. O presidente de nossa associação falou da situação de peixes. Essa terra foi deixada pelo nosso criador todas as coisas importantes e necessárias para nós. Desde principio nossos antepassados já recebiam seu pedaço de terra por clã, viviam dentro do limite de seus territórios. Por causa do contato, isso agora não existe mais conforme desaparecimento dos nossos avós. Hoje está tudo desordenado. A terra foi deixada, como nossa mãe e a terra para todos os homens deste planeta. Porque que a terra é nossa mãe? Porque dela nasce todas as coisas que consumimos. Isto é verdade? Como que é a mãe? A mãe gera filho. Logo que nasce, a mãe tem que amamentar o filho, cuida do filho, dono da terra somos nós mesmo. Vendo analisando isso é que, assim como

falou o nosso presidente, é isso mesmo. Realmente ele tem o conhecimento e sabedoria para isso. Por isso nós vamos ter que fazer trabalhando bem. Mas antigamente nossos antepassados, assim como falou, não viviam assim. Eu vi todos os que moravam aqui nesta nossa terra. Nossos avós se vestiam de Kueyo. De uma maneira simples eles viviam. Mas com sabedoria. Eles tinham educação: respeito apesar de estar em Kueyo, cangatara, fazendo música com japurutú e tudo mais. Eles bebiam seu caxirí, mas não por isso falavam besteira. Agora, não sei. Espera aí, devagar vamos entrar neste assunto... Por isso temos que levar as coisas que estamos falando bem sério. Os lagos são feitos para nós pelo criador. E os nossos antepassados da região de terra boa (eedzaweetta mikoïñai) até de Siusí cachoeira vinham para lagos para pescar e caçar nos lagos. Do baixo Içana também vinha caçar e pescar. Mas eles pescavam com cuidado para não acabar ou espantar os peixes. Por isso parecia que não acabava. Porque tinha controle e pesca era adequada não como hoje. Somente quando faziam **podáli** (cerimônia para presentear) o irmão, cunhado e outros, é que matavam bastante peixe. De vez em quando isso precisava. Assim funcionava. Por isso hoje nós temos que avaliar a nós mesmos nossa prática de pescar. Mas com muito cuidado, no bom sentido, sem prejuízo a ninguém. Depois de tudo isso conforme falou o nosso presidente ontem na abertura sobre inveja que trás consequência negativa e muitas vezes mortes entre parentes, é que a partir de hoje convidado a todos para que nós nos ajeitemos e fiquemos longe da maldade para que possamos viver bem e crescer como filho do homem. Se não fizermos assim, nunca iremos alcançar os nossos objetivos. Só isso. Depois falamos mais sobre isso.

Palestra 3 - Valentim Rodrigues vice-capitão de Aracu Cachoeira.

Eu também quero falar um pouco sobre isso. Assim como o capitão Valentim Paiva, já falou tudo isso é verdadeira. Nós moramos no lugar muito escasso de peixe assim como você já falou. Os nossos antepassados, como todos sabem, eles pescavam dentro de uma série de critérios e procedimentos adequado de forma que peixes nunca se acabam. Hoje não tem mais peixes. Eu acho que realmente é por causa de nossa prática atual de pesca errada. Pois quando nasci ainda tinha bastantes peixes. Hoje quase não existe mais. Antigamente os nossos antepassados faziam jejum antes de tinguijar. Com pouco de tímbo pegavam bastantes peixes. Hoje não conseguimos mais fazer isso. Quando tinguijamos não pegamos nada de peixe. Por causa de não fazer jejum os peixes morrem dentro da água. Assim nós estragamos a nossa riqueza. Com a malhadeira também espantamos peixes. Dessa forma é que vejo o que está acontecendo.

Capítulo II – Trabalho de Grupos

- ▶ Origem dos peixes e modo antiga de pesca;
- ▶ Causa de diminuição de peixes nos últimos tempos;
- ▶ O que fazer para não acabar com os peixes e aumentar a oferta;
- ▶ Nome dos peixes (dia e noite) época do ano;
- ▶ Peixes possíveis de criar e sua alimentação;
- ▶ Como e o que precisa para criar peixes;
- ▶ Estamos prontos ou preparados para este tipo de trabalho?

I - Origem dos peixes

1 - Origem dos peixes que pulam: estes peixes originaram-se de Ñapirikoli: um dia Ñapirikoli engravidou filha de um homem chamado **MAONA**. Maona era o nome de um homem que tinha essa filha. Quando maona soube que sua filha estava grávida por ñapirikoli, ficou com raiva dele e queria matar o ñapirikoli. Ñapirikoli tinha saído para um lugar e dormiu lá junto com seus amigos. Enquanto dormiam, o maona em poder fez levantar uma montanha para que com isso matasse a todos. Aí durante a noite havia uma rã chamada “ookoe” que vive dentro de oco de arvore. Esse que canta “ookoen” conhecido também como “koekoe” em koripako. Com a fala desta rã, avisava ao ñapirikoli que ali havia perigo a todos. Ao acordarem e ouvindo este canto de rã, o ñapirikoli questionou: será que é verdade? Para descobrir eles pegaram um pedaço de lenha acesa e jogaram para ver se caíam para dentro d’água. Quando jogaram não aconteceu nada. Aí ficaram com medo. Daí ñapirikoli mandou japú “toowiri” para levar corda da montanha para outra ponta. Para que através da corda outros possam atravessar pois não sabem pular. Outros que sabem pular, que eram próprios amigos do Ñapirikoli, pularam transformando-se em peixes, assim originou-se como: dzaapa (tucunaré), kettinali (jacundá) e wadoli, assim se originaram muitos outros peixes que pulam.

Como foi o pulo (origem dos peixes)

- ▶ Dzaapa (tucunaré) pulou para, dzapapinalhe no rio waupés.
- ▶ Outros pularam para PAIDOIWA.
- ▶ Outros pularam para Venezuela e assim sucessivamente.

Obs: de onde pularam?

Onde aconteceu o fato?

Qual nome de peixes que pularam p/ PAIDOIWA?

Qual nome dos peixes que pularam p/ Venezuela? Como chamam o nome do local para onde pularam?

Quais nomes de outros peixes que também pularam e para onde?

Povoamento de peixes por ñapirikoli

Ñapirikoli começou a chamar nome de rios. Primeiro chamou rio Wawiali (que seria rio Içana) não respondeu foi o que tem esse nome hoje de wawiali. E para

lá foram muitos peixes. Por isso no rio wawiali até hoje tem muitos peixes. Assim também para outros rios. Por último é que o rio Içana respondeu. Por isso tem pouco peixe neste rio. Pois o que veio são como resto da distribuição de povoamento.

2- Origem dos peixes específica do rio Içana: Todos conhecemos neste nosso rio que os peixes começam do **Poperianaa** (lago-Bacaba-poço). Havia um homem que vivia neste lugar. O nome dele era “**koayaweno**”. Este era uma cobra d’ água grande. Um dia ele foi ao lago para pegar mulungó. Quando voltou começou a cortar (Íraka). Os pedacinhos do corte do mulungó é que se transformaram em peixes, esses peixes que tem hoje no rio Içana.

3 - Origem específico dos peixes “aracu”: Um dia ñapirikoli matou uma cobra grande. Ñapirikoli não matou a direito e só um pedaço da cobra estava apodrecendo e a outra parte não. A outra personagem e a anta que fazia coivara na sua roça e todos os dias ia para tomar banho no igarapé. Um dia viu a cobra e acompanhou o comprimento e foi ver uma parte viva e disse: o que está acontecendo com você? E respondeu que alguém a matou e perguntou a anta se não podia em ajuda-lo a tratar. E anta disse que sim. Aí foi pegar um cipó (raiz tipo wapui) (koopikhaa) e tirou a casca e meteu na coluna cervical da cobra que estava podre até chegar na parte viva. Esse cipó serviu como nova medula para cobra e depois pegou cigarro e soprou nele ficando bom novamente. Depois a cobra viu que ficou bom e disse a anta que ia retribui-lo. E a convidou para ir com ele em casa. No meio do caminho tampou o lho da anta e de repente chegaram lá onde morava a cobra. Lá deram para ele tomar vinho de pupunha. Na hora de anta retornar, a cobra deixou ele levar semente de pupunha, pois a anta tinha gostado bastante. Assim a anta voltou e plantou a pupunha na sua roça que estava coivarando. Lá na roça pupunheiras nasceram, cresceram até aos primeiros frutos. O **hemawerhi** então ia sempre para lá comer sua fruta de pupunha. Antes disso o hemawerhi visitava o ñapirikoli onde oferecia “Ttiapé” a ele e bebia-a tudo e não sobrava nada na cuia. Depois de ter pupunha, ia lá com Ñapirikoli não tomava mais tudo a Ttiapé . Aí ñapirikoli desconfiou e pensou: - o que está acontecendo com ele. Um dia ñapirikoli a perseguiu até a sua roça e foi sentar exatamente no lugar onde sempre comia pupunha. Enquanto sentava, apareceu pequena formiga com milho de pupunha. Aí Ñapirikoli viu (por isso até hoje estas formigas, gostam de comer resto de nossas comidas) e perguntou a hemawheri: o que é isso? Deve ser flor de árvores, respondeu a anta com tentativa de esconder do Ñapirikoli. Não demorou veio o segundo formiga com migalha maior e o Ñapirikoli a pegou, olhando ao lado assim, e cheirou para descobrir. Ao cheirar ficou com dor de cabeça muito forte, pulando e pediu a hemawheri uma ajuda. O hemawheri foi e pegou na cabeça, apertando para ajudar acalmar a dor. Foi assim para que nossas cabeças ficassem assim um pouco chato por causa isso. Aí o hemawheri declarou o que é. Ñapirikoli disse que está tudo bem e que não queria comê-lo como ele. Mas perguntou se tinha somente. A anta respondendo que sim pediu para que levasse somente a semente da pupunha. O hemawheri, então, saiu para pegar pupunha vermelha, amarela e trouxe para ñapirikoli. Ao abrir a fruta da pupunha para tirar a semente, a semente escapava e caía na água transformando-se em **doome makaapali** (aracu

amarelo bonito e grande). O segundo que abriu e escapou a segunda semente menor que se transformou também em aracu sp, que é bem pequeno. Assim os aracus começaram aparecer no mundo a partir de semente de pupunha/anta/cobra/ñapirikoli.

Para mais informação, falar com:

- ▶ Valentim Paiva – Juivitera.
- ▶ Valentim Rodrigues - Aracu cachoeira.
- ▶ Pedro Francisco da Silva – Tucumã Rupitá.
- ▶ Samuel Macedo – Urumutum lago
- ▶ Cesário Ernesto – Tapira Ponta
- ▶ Mário Emílio – Rupunha Rupitá

2 - Modo antigo de Pesca

Depois que ñapirikoli criou todos os peixes e os deixaram na terra, os nossos antepassados como é que pescavam? Não tinham anzol de aço ou de alumínio como se tem hoje. Eles pescavam a noite colocando chamada **kamina**. Kamina tem formato tipo matapi que colocavam na água com isca. Quando traíra entrava para comer, já estava dentro do kamina e pegavam peixes. Kamina também era usado de dia. A outra forma de pescar era faxiando à noite com kamaraita. Kamaraita era como ripa que tiravam de uma arvore especial e depois secavam. Na hora de sair para faxiar a noite colocavam nele a **monotsi kophe iitape**.

Com esse remédio, os peixes que eram bastante arisco conseguiam pegar facilmente como tucunaré e aracu. Como zagaia utilizavam paus resistentes. Eles não tinham anzol, pulado e outras formas como hoje. Mais recentemente pescam com pulado **tshioli** espécie de caniço. Os caniços eram feitos de acordo com tipos de peixes: **dopalhiwi, doomewi, tteephewi** e usavam bastantes caniços. Atualmente pescamos com timbó, **nadietaka mawi iyo**, malhadeira, mergulham peixe à noite e cortam samambaia para pegar peixe. Essa é atual forma de pesca.

Versão 2: Nossos antepassados eram aqueles que sabiam cuidar de sua terra. Controlava sua terra de todas as formas. Não como de hoje. Pescavam somente para comer e escolhiam tipos de peixes para pescar: aracu, tucunaré, etc. faxiavam com fogo com tururi, tinha possanga de peixes, eles matavam peixes bem e não estragavam e nem espantavam os peixes.

Tinguijar: tinguijar com timbó é bem antigo. A diferenças é que eles tinham critérios de uso. Quando tinguijavam, antes, eles sabiam onde estavam casa de peixes e então só iam tinguiijar lá longe para não atingir casa dos peixes e espanta-los. Isto hoje não tem mais cuidado. Sobre timbó, no tinguijamento, não deixavam resto dentro água, tinguijavam somente com liquido, o resto e jogado no mato. Os peixes que eram tinguijados recolhiam todos e não deixavam nenhum peixe apodrecer dentro da água. Caso tenha peixe no outro dia recolhiam e jogavam para fora da água do igarapé. Porque que faziam isso.

Porque entendiam que a água é a casa dos peixes. Se alguém acha outros mortos na sua casa nunca mais vão voltar para dentro de casa. Assim também são os peixes para nossos antepassados. Outros peixes que não eram aproveitados recolhiam para fora da água. Os velhos faziam isso durante jejum e comiam somente depois. A outra coisa importante é a comunicação entre si avisando aos parentes que ali no certo lugar foi tingujado e que não pode ser tingujado neste mesmo ano, mas somente no outro ano. Assim controlavam, manejam seus lagos ou igarapés.

Lagos: dzawinhaipada – era o lugar de pesca somente para comer. Por isso as controlavam muito bem porque sabiam da importância para eles mesmos. Os que moravam lá é que controlavam e administravam os lagos e seus usos. Para isso ninguém moravam nos lagos. Somente os donos.

Como, quando pescavam nos lagos: na época de verão. Eles iam para as outras aldeias só para fazer festa de podáali. Os que moravam lá pescavam sós para comer. Ou seja, matavam peixes de acordo com a necessidade.

Piracema: pegavam somente peixes grandes. Para isso tinha técnica de fazer matapi de uma forma que os peixes pequenos escapam e pegavam somente peixes grandes.

A maneira de pesca antigo dos peixes que moram nos igarapés nas samambaias no caso da traíra: utilizava a planta "**iname**" para fazer o peixe sair da samambaia e assim não destruir a casa; os peixes também não morrem definitivamente. Se ninguém pegou ou matou peixe algumas horas depois o peixe volta viver normalmente.

3 - O que faz diminuir tantos peixes nos últimos tempos.

- ▶ **Corte de samambaia:** na próxima piracema de traíra não tem mais casa para eles;
- ▶ **Malhadeira:** espanta muito peixe;
- ▶ **Com pari:** pegamos todos os tipos de peixes;
- ▶ **Timbó:** é a pior forma de acabar com peixe; está sendo usada de uma forma inadequada.
- ▶ **Excesso de pesca nos lagos:** espanta os peixes;
- ▶ **Deixa apodrecer peixes nos lagos e igarapés:** isso espanta os peixes;
- ▶ Uso demasiado de bóias;
- ▶ **Aumento de população:** intensifica a pesca;
- ▶ Povoamento de logo;
- ▶ **Estrago de Wayaweno:** que fabrica os peixes em bacaba poço;
- ▶ **Casas de peixes estão sendo atingidos pelo timbó:** assim espantas peixes;
- ▶ **Casas de peixes estão estragados:** sopros/estrago humano;
- ▶ **Venda de peixes:** faz com que matam muito peixe e espantam de mais;

4 - O que fazer para não acabar os peixes e aumentar sua oferta

- ▶ Não tingujar lagos, igarapés;
- ▶ Não utilizar mais malhadeira para pesca;

- ▶ Não pescar para vender, pois isso aumenta e acelera diminuição de peixes.
- ▶ Não morar ninguém na região do lago. Dizem que estão vendo gente morando lá e por causa do barulho provocado constantemente está espantando peixes;
- ▶ Não cortar samambaias e voltar utilizar método antigo de pesca para não espantar peixes;
- ▶ Fazer manejo de lago separando alguns lagos para que nelas não haja qualquer tipo de pesca durante algum tempo. Durante esse período os peixes se multiplicarão bastante.
- ▶ Pescar somente de forma tradicional;
- ▶ Pescar de vez em quando nos lagos;
- ▶ Os que moram no lago devem voltar controlar ou administrar uso dos lagos na pesca;
- ▶ Criar peixes nos lugares difíceis de pesca;

Alguns do grupo falaram de algumas experiências e afirmaram que assim pode dar certo em aumentar nº de peixes mais rápidos.

5 - Nome de Peixes

I – Dzawiranai = Acarás						
Nº	Baniwa	Português	Tempo			
			verão	inverno	dia	noite
01	dzawira	Acará	x	x	x	X
02	aawa	Acará sp	x	x	x	X
03	dzawato	Acará sp	x	x	x	X
04	eerito	Acará sp	x	x	x	X
05	mhaitaro	Acará sp	x	-	x	X
06	dzalaita	Acará sp	x	-	x	X
07	maarhawito	Acará sp	x	-	x	x
II – Dzaapanai = Tucunarés						
08	heemali	Tucunaré grande	x	-	x	-
09	dzaapa	Tucunaré médio	x	-	x	X
10	tsharabiana	Tucunaré sarabiana	x	-	x	x
11	Warapaka liodza	Tucunaré pequeno	x	-	x	X
12	kamaradzapani	Tucunaré médio	x	-	x	X
13	Domali dzapani	Tucunaré médio	x	-	x	X
III – Peixe liso sem espora = kophe meewiperi						
14	Oowhi/moroto	sarapó	x	x	x	X
15	maanapi	Sarapó sp	x	x	-	X
16	dowiriita	Sarapó sp	x	x	x	X
17	dzaatte	Sarapó sp	x	x	x	X

18	kameetti	Sarapó sp	x	x	x	x
IV – Peixe liso com espora = kophe kewiperi						
19	mhookoli	piraíba	x	x	x	X
20	koliri	surubim	x	x	x	X
21	maphara	pirarara	x	x	x	X
22	ttfiri	mandubé	x	x	x	X
23	mapala			x	x	X
24	oolapa			x		X
25	domalimapa	Mandi amarelo		x	x	X
26	toya	cambeua	x	x	x	X
27	híni			x	X	
28	ketteredani		x	x	x	X
29	hemoki					
30	doidali	anujá		x		X
31	dawaki	jandiá		x		X
32	kodaro	carawataí		x		X
33	tsiitsi	carauatai pintado		x		X
34	wirikaro	Daquirú sp		x		X
35	dalitsiro	Daquirú sp		x		X
36	wako		x	x	x	X
37	dzaama		x	x	x	X
38	ooro					
39	hiipi		x	x	x	X
40	dzóori		x	x	x	X
41	matsaapi		x	x	x	X
42	mapilopi			x		X
43	kadaanoamali	Jacundá sp	x		X	
44	dzoottali	Jacundá sp	x		X	
45	waawi	Jacundá sp	x		X	
46	alawi	Jacundá sp	x		X	
47	aadzaka			X		X
48	piiridza			X		X
49	iitsi			x		x
V – Peixe de escama = kophe kawiperi						
50	táali	aracu	x	x	x	X
51	doome	Aracu sp	x	x	x	X
52	Kerhekoli/iraminali	Aracu sp	x	x	x	X
53	dopali	araripirá	x	x	x	X
54	kaarotsi		x	x	x	X
55	koana	Aracu sp	x	x	x	X
56	iiniri	traira	x	x	x	X
57	tooporo	Traira sp	x	x	x	X
58	pore	Peixe doce	x		x	X
59	keridane		x			

60	pára		x		x	X
61	wadoli		x		x	X
62	dzoodzo		x		x	X
63	hooma		x			
64	káttama	Pacu grande	x	x	x	X
65	tsíipa	Pacu sp	x	x	x	X
66	kerapokoli	Pacu sp	x	x	x	x
67	oomai	piranha	x	x	x	x
68	iraitsopali					
69	tsanatsana		x	x	x	X
70	wiirale		x	x	x	X
71	adapenaita		x	x	x	x
72	weemai		x	x	x	X
73	weetsoli		x	x	x	x
74	maliphero	pirandira	x		X	
75	kakodape		x	x	x	X
76	kaawiiri		x		X	
77	halenali		X		X	
78	yalakhida		x		X	
79	toloya		x		x	x
80	kettinali	jacundá	x		x	

6 – Peixes possíveis criar

Baniwa	Português	alimentação
dzawiranai	Acará sp	Aranha, wapui,
taalinai	Aracu sp	mandioca mole, resto de comida, pupunha, açai, semente de seringa, cupim, insetos, camarão, piaba, minhoca, etc...

7 – O que precisa para criar peixes:

- ▶ Precisa de terreno adequado;
- ▶ Material para trabalhar;
- ▶ Conhecimento para trabalhar direito;
- ▶ Orientação de pessoas que conhecem o trabalho;
- ▶ Capturar peixes para criar;
- ▶ Cuidar da criação e alimentação;

8 – Estamos preparados para este trabalho?

Foram cinco grupos formados para trabalhar e apresentar o resultado. Destes cinco grupos um só disse que não deu mais tempo para discutir. Um grupo de disse que em relação ao manejo de lago, estão prontos e recomendaram para aqueles que moram nos lugares difíceis de peixes e aqueles que sempre

matam peixe para vender começar pensar em criar. Os restos dos grupos falaram que estão prontos desde de que sempre tenha um acompanhamento.

9 – Avaliação e resultado da oficina

1. É muito urgente registrar história de origem dos peixes. Pois somente o grupo dos mais idosos contou história. O grupo formado entre 30 a 40 anos só contou uma história. Imagina os jovens. Este desconhecimento pode ser uma das causas que traz conseqüência da prática fora do normal de pesca que contribui para diminuição dos peixes;
2. Um dia da oficina foi muito pouco. Essa definição foi em unânime. Precisamos de outra oficina para discutir somente isso em três dias;
3. Os alunos demonstraram potencial de conhecimento em levantamento dos nomes de peixes. Foi o grupo que mais listou o nome dos peixes;
4. A oficina traz um resultado animador para as comunidades em termo de estarem conscientes da necessidade deste tipo de trabalho;
5. O resultado deste trabalho já poderá ser usado para conscientização das demais comunidades no rio Içana através de pequenos folderes já que futuramente estará se implantando estação de piscicultura no rio Içana;

10 – Importante

1. Ficou esclarecido que na próxima reunião ou oficina de pesca será mais demorada e que neste sim vamos fazer algumas deliberações a respeito de transformar algumas práticas em proibições;
2. Esta primeira oficina com as comunidades foi para começarmos pensar mais firme antes de iniciarmos realmente o trabalho;
3. Esclarecido também que daqui a diante estaremos procurando financiamento para este trabalho e primeira atividade será a reunião/oficina;

Relatório anual às comunidades

Atividades por projeto

Arte Baniwa – a venda ano passado foi apenas 200 dúzias: é muito pouco. Isto representa apenas dois pedidos por ano. Mas por lado foi de mais divulgação em principais jornais do país e cidades através do ISA e OIBI. Ano passado este projeto como divulgação ganhou dois prêmios importantes de reconhecimento e pelo potencial de impacto para de desenvolvimento regional e local em bases sustentáveis. Este ano o pedido já chega 300 dúzias, além de pequenas vendas que precisa melhorar de atendimento. Mas isto só vai melhorar quando o entreposto estar pronto com energia. Agora enfrenta problema de energia.



- ✓ Divulgação do projeto em principais jornais do país e cidades;
- ✓ Concorreu e ganhou prêmio Gestão Pública e Cidadania de Fundação Getúlio Vargas da Escola de empresas de São Paulo;
- ✓ Concorreu e ganhou prêmio “Menção Honrosa na Mobilização de Recursos Ashoka/Mckinsy”;
- ✓ Venda de 297 dúzias de artesanatos;
- ✓ Reunião com a Tok & Stok;
- ✓ Reunião com Natura;
- ✓ Realização da III oficina de Artesanato;
- ✓ Início de Pesquisa científica de arumã pelo INPA – Inst. Nacional de Pesq. Amazônia;

Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali
– Ano passado a escola funcionou e conseguiu manter seus professores, funcionários pagos pela secretaria de educação municipal através de requerimento. Hoje temos duas turmas de alunos que estão no segundo ano e a outra no primeiro ano somando no total de 49 alunos. A avaliação destes alunos está muito boa em aprendizagem de acordo como objetivo do projeto e das comunidades.



Este ano o poder executivo reconheceu a escola como escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali junto com outras escolas. As atividades na escola estão ficando cada vez mais interessantes e os professores também conseguem trabalhar bem que é resultado de treinamentos em oficina pedagógico.

- ✓ Contrato de uma secretária para escola;
- ✓ + um contrato de um funcionário;
- ✓ Matrícula de + alunos;
- ✓ + um contrato de professor;

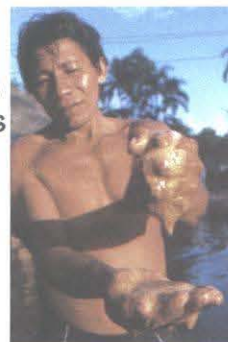
- ✓ Realização de IV Oficina Pedagógica de professores (elaboração da cartilha para alfabetização e projeto político e pedagógico);
- ✓ Realização de V Oficina Pedagógica de professores (cont. projeto político e pedagógico e direitos indígenas em educação específica);
- ✓ Participação de capacitação em computação (secretária e auxiliar administrativo);
- ✓ Construção de casa de administração da escola com apoio da FUNAI/regional/SGC;
- ✓ Realização da II assembléia Geral da Escola;

Medicina Tradicional Baniwa – ano passado começou a Pesquisa de plantas cosmética (parte preventiva da tradição) com a proposta de levantar tipos de plantas cosméticas, suas histórias, uso e manejo para comercialização dentro do programa geração de renda para as comunidades.

Para isso a OIBI/ISA buscou conversar com Natura empresa de São Paulo e deparou com a necessidade de pesquisa etnobotânica que a OIBI está fazendo com orientação do do Instituto nacional de Pesquisa de Amazônia até agora.

O trabalho desenvolvido junto com UFAM/NESP/RASI está sendo retomado para dar continuidade aos treinamentos dos AIS no conhecimento tradicional de tratamento e pesquisa de história.

- ✓ Reunião de avaliação e replanejamento de método de trabalho do projeto;
- ✓ Reunião com UA/NESP/RASI – replanejamento de atividade do projeto;
- ✓ Pesquisa de etnobotânica de plantas cosméticas;
- ✓ Pesquisa de manejo e agronomia de plantas cosméticas;



Geraiis

● Infraestrutura – este ano com recurso do prêmio Arte Baniwa construiu-se:

- ✓ Uma nova sede em Tucumã Rupitá (8,00 x 8,00);
- ✓ Um depósito em Tucumã (6,00 x 4,00);
- ✓ Continuação de construção e acabamento do entreposto comercial da OIBI em São Gabriel da Cachoeira;



● **Equipamentos** – com o mesmo recurso também se comprou mais um computador completo, conserto de barco Aruwak, compra de um bongo e a outra menor. Com apoio da FOIRN adquiriu um motor de popa 40 Hp.

- ✓ Compra de mais motor 40 HP;
- ✓ Conserto do motor Aruwak;
- ✓ Compra de mais um computador;

Comemoração 10 anos de História



OIBI – Organização Indígena da Bacia do Içana



Avaliação

Painel de Avaliação

1. Valentim Paiva – **capitão da comunidade Juivitera;**
2. Augusto Rodrigues – **capitão da comunidade Aracu Cachoeira;**
3. Xavier Augusto – **Conselho Fiscal da OIBI;**
4. Mateus Arthur – **Presidente da Associação Conselho da Escola Pamáali;**
5. Franklim Paulo – **rep. FOIRN e Presidente da UNIRIC/Vice da Coord Sub Regional, Conselheiro de Educação Municipal;**
6. Sully Sampaio – **Universidade Federal do Amazonas/NESP/RASI;**
7. Estella – **FIOCRUZ – Rio de Janeiro;**
8. Glenn Shepard – **Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia;**
9. Daniel – **Dentista Pólo Base de Tucumã Rupilá/DISEI/RN;**
10. Laise – **Assessora da EIBC/ISA;**
11. Paulo Lino Romero – **Rep. Organização Indígena Coripaco do Alto Içana;**
12. Raul Feliciano Miguel Brazão – **Coordenador Geral da EIBC;**
13. André Fernando – **Presidente da OIBI.**

Comemorar o que? Todos apontam o crescimento da OIBI em dez anos. O crescimento deve-se ao trabalho sério da diretoria que passou e atual da associação e as comunidades que confiam nos seus dirigentes e está conseguindo realizar seus trabalhos de projetos de escola, artesanatos e medicina tradicional. Portanto há razão de comemorar: são estes projetos que traz benefícios as comunidades a médios e longos prazos já implantados. Pois em nenhum momento da história da criação e de conquista da humanidade, tanto do dos brancos e tradicional jamais perdeu um batalha (Ñapirikoli X Deus). E que se assim acreditamos, vamos crescer mais e mais chegar ao nosso objetivo.

Em seguida apresentamos objetivos da OIBI e como está definida a sua missão, visão, programa e principais atividades, projetos e seus parceiros de trabalho que demonstra claramente que falamos de crescimento e amadurecimento. Ou seja, não se trata somente de projetos visível e palpável.

Mas também a consciência e percepção da diferença entre governantes políticos e trabalho concreto quando é feito pelas pessoas próprias do lugar.

Objetivos estatutários

- Promover ações que garantam o cumprimento dos direitos constitucionais assegurados aos povos indígenas;
- Promover ações que garantam a preservação do reconhecimento dos direitos territoriais dos povos indígenas;
- Promover ações nas áreas da saúde, educação e auto-sustentação, visando melhoria de condição de vida das comunidades;
- Promover a cultura indígena;
- Defender judicial ou extrajudicialmente os direitos econômicos, culturais, ambientais e sociais das comunidades indígenas;
- Representar as comunidades indígenas da Bacia do Içana nos assuntos de seu interesse, tais como na produção e venda de artesanato e de produtos agrícolas ou extrativistas, desenvolvimento e execução de projetos de autodesenvolvimento sustentável.

Missão

- Contribuir na consolidação dos direitos coletivos indígenas no Brasil através de processos e mecanismo prático desenvolvido junto com as comunidades na área de educação, valorização de conhecimento da medicina tradicional e geração de renda através de projetos de alternativas econômicas sustentáveis.

Visão

- Ser uma referência de modelo de gestão da associação indígena no rio Negro.

PROGRAMA

- Programa Baniwa de Desenvolvimento Sustentável e Econômico – pretende trazer discussão com as comunidades sobre racionalização e utilização dos seus recursos naturais de uma forma integrada através de projetos. Cumprindo assim seus objetivos e concretizar a autossustentação das comunidades como estratégia de uma boa ocupação de sua terra demarcada e proteção.

PROJETOS

- **Arte Baniwa** – produção sustentável e comercialização por encomenda de forma auto-gerida, da tradicional cestaria Baniwa de arumã em nichos de mercado que remunerem seu valor cultural e ambiental agregado, como parte de um programa mais amplo de consolidação de direitos indígenas coletivos.
- **Escola Indígena Baniwa e Coripaco Pamáali** – formação de qualidade das pessoas das comunidades para enfrentar a vida a partir de sua história de origem e realidade com conhecimento moderno, profissional visando consolidação dos direitos de processos próprios de aprendizagem.
- **Medicina Tradicional Baniwa** – valorizar, organizar e preservar o conhecimento milenares visando seu reconhecimento dentro da prática da sociedade envolvente.

Meios/Atividades

- Pesquisas;
- Reuniões/assembléias;
- Oficinas;
- Elaboração de novos projetos;
- Divulgação e participação de encontros, seminários e cursos;
- Viagens de articulação nas comunidades;

Parcerias

- ⊗ **FOIRN** – Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro;
- ⊗ **ISA** – Instituto Socioambiental;
- ⊗ **UA** – Universidade Federal do Amazonas/NESP/Projeto Rasi;
- ⊗ **INPA** – Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia;
- ⊗ **SEMEC** – Secretaria Municipal de Educação/PMSGC;
- ⊗ **FUNAI** – Fundação Nacional do Índio/Regional de São Gabriel da Cachoeira;
- ⊗ **TOK & STOK** - comprador de cestaria de arumã – parceiro comercial.

Resumo-atividade da assembléia comemorativa

- ◆ Palestra sobre situação de pesca atual na Bacia do Içana;
- ◆ Oficina de pesca: história, manejo e criação de peixes;
- ◆ Prestação de conta: relatório de atividade do projeto escola, Arte Baniwa e Medicina tradicional;
- ◆ Exposição de trabalho da escola Baniwa em uma barraca específica pelos alunos e professores;
- ◆ Exposição do trabalho realizada pelo Pólo base Tucumã/DISEI/RN nas comunidades de sua abrangência;
- ◆ Exposição dos painéis utilizados pela OIBI/ISA no lançamento do projeto Arte Baniwa em São Paulo no ano 2000 e participação das exposições no Rio de Janeiro e Brasília;
- ◆ Exposição sobre participação do Encontro Nacional de Experiências Sociais Inovadoras em Brasília promovida pelo Banco Mundial; e projeto Arte Baniwa ganhou prêmio Banco mundial da Cidadania;
- ◆ Apresentação de vídeo arte Baniwa e Povos indígenas no Brasil a noite;
- ◆ Apresentação de duas peças de teatro sobre situação de caça/animais e a situação de agricultura/roças das comunidades ilustrando necessidade de reorganizar a forma de trabalho neste atual situação pelos alunos da escola orientada pelos professores;
- ◆ Apresentação de uma peça que lembra como a OIBI se constitui no momento de difícil; dispersão de opiniões, invasão de garimpeiros e homenagem as lideranças do movimento indígena e da associação;
- ◆ Homenagem a atual diretoria da OIBI: danças tradicionais, presentes pelos alunos e comunidade Pupunha Rupitá e Urumutum lagos;
- ◆ Painel de avaliação de 10 anos da oibi pelas lideranças comunitárias, associações, escola e parceiros de trabalhos;
- ◆ Jogos de futebol de comemoração (locutor, times das comunidades e da OIBI); campeão alunos da escola Pamáali com prêmio de taça, segundo lugar Tucumã Rupitá, Terceiro lugar: OIBI.
- ◆ Pagamentos da produção dos artesãos aos artesãos;
- ◆ Levantamentos da situação de documentação dos artesãos: em geral 98% não tem nenhuma espécie de documentação;
- ◆ Distribuição da encomenda 200 dúzias de urututs pela Tok & Stok aos artesãos e cadastramento;
- ◆ Distribuição da encomenda da HOLANDA 17 dúzias de artesanatos aos artesãos para experiência de exportação e teste de mercado internacional;
- ◆ Encerramento: agradecimentos, cantos oraganizados pelas escolas das comunidades, escola Pamáali e comunidades, e; finalmente oração e comida da festa;
- ◆ Estiveram mais de 300 trezentas pessoas nesta assembléia para participar da assembléia comemorativa; isto são entre mulheres, alunos, professores, agentes de saúde, profissionais de saúde, capitães, lideranças religiosas, jovens estudantes, parceiros como ISA, NESP, FOICRUZ, ISA. Artesãos, lideranças de outras associações, comunidades 100% pertencentes a OIBI e outros que participam porque seu filho está estudando na escola Pamáali.

ANEXO

Reprodução de uma carta de agradecimento da comunidade Juivitera

Venho de coração cheio de alegria em nome da comunidade de Juivitera agradecer vocês todos aqui presentes. Hoje dia 12/07/02, foi um dia muito especial da nossa Organização Indígena da Bacia do Içana completando 10 anos desde que foi implantada, é uma imensa alegria para nós.

Quero agradecer do fundo do coração os grandes líderes batalhadores, lutadores, corajosos que se dedicaram pelo seu povo de lutar pelos direitos de terra na pessoa do senhor Valentim Paiva – Juivitera, senhor Roberto Benedito Paiva – Juivitera e senhor Augusto Rodrigues – Aracu Cachoeira que foram pessoas corajosas e que se interessaram pelo povo Baniwa.

Graças ao nosso bom Deus conseguiram o objetivo que eles pensavam e ainda conseguirão, vocês estão de parabéns. Peço a Deus que a ilumine nas suas caminhadas, lares e família.

Com certeza sentiram em alguns momentos de tristeza, perigo, dor, mas não desanimaram e continuaram lutando até agora foi uma “vitória”.

Quero agradecer também o nosso Presidente da OIBI que é um homem de garra, batalhador que se interessa pelo seu povo Baniwa que não deixa seu povo de lado.

Obrigado André você está de parabéns, obrigado pelos trabalhos que nos trouxe, na parte de educação que foi um grande fruto para povo Baniwa, não somente na parte de educação, mas em outras áreas de atividades. Espero que continue sendo desse jeito de procurar melhoria para o seu povo.

Agradecer também a diretoria pela coragem e disposição, vontade de trabalhar que a partir desse dia a população OIBI muda de pensamentos negativos, desinteresse, desunião e pensando de levar a OIBI para frente.

AGRADECER as instituições que deram o maior apoio a nossa organização como FOIRN, ONG's (ISA) e outros que nos ajudaram. Peço que continuem nos ajudando, sempre.

Agradeço a todos presentes: capitães, AIS, professores, alunos, pais de alunos, representante da FOIRN, ISA, INPA e UA que estão marcando presença conosco neste dia muito especial e que continuem nos apoiando. (feito e lido pelo professor Trinho)

Texto do André Baniwa

No encerramento

“A cada ano que passa desde 1992, é uma parte de história de dez anos da OIBI”. Duas palavras que forma a sigla OIBI: oi + bi tem juntado forças para construir a história do seu povo. História deste tipo que sempre pede Bis”.